



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

LINDANOR E O DEMÔNIO DA ESCRITA

Elias Ribeiro Pinto

Esta entrevista, sob o título “Nossa embaixadora em Paris”, foi publicada originalmente num domingo, 19 de agosto de 1990, no jornal *A Província do Pará*. Já não lembro exatamente onde nos encontramos para conversar. A propósito, o papo foi longo, estendeu-se por horas e, impresso, ocupou duas cerradas páginas, talvez o seu mais longo depoimento à imprensa. O que se transcreve a seguir é menos que a metade do original. Sua origem, a vida como interna no colégio de freiras, a ida para São Luís, o primeiro casamento, tudo isso ficou de fora (infelizmente, de última hora, não localizei meu exemplar da época, mas apenas o que já havia digitado mais recentemente). E também um outro tanto de testemunhos de sua maturidade, a vida profissional na França, onde passou a viver, em definitivo, a partir de 1974, e onde morreu em 4 de março de 2003. Ainda assim, o que se reedita agora oferece uma generosa perspectiva (principalmente para as novas gerações de leitores) de Lindanor Celina Coelho Casha (1917-2003), as confidências de uma viajante e seus espantos.

Depois daquele primeiro e divertido encontro, repleto de revelações, acho que só nos reencontramos mais uma vez, numa de suas passagens pela cidade, quando me telefonou e me convocou para um almoço. Terminei reproduzindo o final da apresentação que fiz, em 1990, para a entrevista. “Morando em Paris, Lindanor é uma fiel divulgadora das coisas do Pará, nossa embaixadora, ainda que sem representação oficial, em terras francesas. Nem precisa de representações diplomáticas. Sua diplomacia está na simpatia do gesto, na inteligência da conversa, no bom humor de quem vive a vida com paixão e amizade. Espero que o leitor compartilhe do prazer

que este repórter teve ao entrevistar Lindanor e fique, definitivamente, *enchanté* com sua prosa envolvente."

Como você entrou na *Folha do Norte*?

Eu não entrei na *Folha* por mim. Como funcionária pública, em vez de estar fazendo meu trabalho ficava escrevendo coisinhas, versinhos. Cléo Bernardo, que era um dos advogados na Justiça do Trabalho – me lembro muito bem dele, era cheiroso, cheirava a lavanda. Nem precisava ver o Cléo: sabia-se que ele havia entrado no prédio pelo cheiro da lavanda. Pois bem. Um dia eu estava na minha máquina, ele olhou e disse: “São versos que você está fazendo?”. “É”, respondi, “eu me distraio, senão não aguento essa sala, esse calor.” Aí ele disse: “Ah, mas isso é publicável. Vamos publicar?”. Ele levou e começou a publicar uns versinhos meus na *Folha do Norte*. Pensei: vai ver que sou poeta. Não era. Graças a Deus, cedo percebi que não era poeta. Mas eu já tinha pegado o demônio da escrita.

Quem me deu um conselho muito bom foi o Osório Nunes, um jornalista daqui que tinha ido para o Rio de Janeiro e que volta e meia vinha a Belém. Ele falou: “Os seus versos têm a delicadeza dos versos chineses, mas, honestamente, não sei... Por que você não faz isso em prosa? Tente”. Aí nasceu a primeira crônica. O dr. Raimundo Souza Moura disse que as ideias estavam bem explanadas, me incentivou a escrever mais crônicas e me levou à *Folha*. Subimos aquela escadaria, ele me apresentou ao Paulo Maranhão. “Esta é a Lindanor, que escreve os versos. Ela entrou numa outra fase, e vou lhe dizer uma coisa: é a melhor cronista que temos aqui.” O Paulo respondeu: “Não me diga! Dito por você eu acredito”. E arranhou-se um lugar para mim.

Restava conseguir um nome para a coluna. Levamos tempo perseguindo os amigos. Telefonei para o Egydio Salles: “Egydio, que nome dou para a minha coluna?”. Isso era uma honra muito grande, naquela altura, ter uma coluna permanente na *Folha do Norte*. Eu disse: “Quero um lugar alto de onde a gente veja o mundo”. Ele respondeu: “Põe Miradouro”. “Ah não, Egydio, parece mijadouro [*risos*].” “Tens razão. Que tal Mirante?” Eu: “Mirante, não”. Aí botei Minarete. A coluna levou muitos anos, só acabou quando a *Folha* morreu.

Você ia até a redação entregar a coluna? Convivia com os jornalistas da época?

Era uma rodinha boa. D. Maria Augusta Cutrim, secretária do Paulo Maranhão. Tinha o Haroldo Maranhão, Eliston Altman. Ah, o Eliston, sinto falta dele. Tinha o João Maranhão, o Ivan. Quem mais ia por lá? João Malato. Eu não ia muito à Redação. Quando chegou a hora da viagem, aí sim, contei tudo em forma de crônica, aí me tornei conhecida do grande público.

Você chegou a receber algum tipo de preconceito por ser mulher?

Na verdade, a primeira pessoa que acreditou em mim foi o Machado Coelho, o Dalcídio Jurandir e, depois, o Benedito Nunes. Os outros eram amigos. Consideravam assim... Ela se mete a escrever, não faz mal. Uma pessoa que gostava do que eu fazia era o Paulo Plínio Abreu. Houve numa ocasião uma frase de uma pessoa, que escreveu um bilhete para mim: “Lindanor, de ti eu gosto que me enrosco”. Era o Acyr Castro, dizendo que gostava das minhas crônicas. Isso era pelo final dos anos 1950. Ainda há uns 15 anos um professor daqui me falou: “Lindanor, enquanto não conversei contigo de perto pensei que eras uma bestalhona, uma pilantra metida a escritora, mas estou vendo que tens valor”. Eu disse, obrigada. Ele foi honesto.

O teu primeiro livro foi publicado logo depois, já na década de 1960, não foi isso?

Em 1963, *Menina que Vem de Itaiara*. Nele eu fiz uma pintura tão minuciosa de costumes que o Afrânio Coutinho me cita como romancista de costumes.

E de que forma o livro foi recebido? Foi publicado por qual editora?

Pela Editora Conquista, do Rio de Janeiro. Ele foi escolhido pelo Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, na época o principal jornal do Brasil, como o livro do semestre.

E em 1964, o golpe militar chegou a te afetar de alguma forma?

Eu peguei um avião no dia seguinte, dia 1º de abril, e me mandei para a Europa, fui fazer um curso de professorado na Aliança Francesa. Coincidência ou não, teve quem

dissesse: “Lá vai ela fugindo”. Ora, eu não fazia política. Tinha, naturalmente, vários amigos de esquerda. Mas eu cheguei a escrever uma carta a Krushev. Você sabia disso?

Não.

Foi publicada pela *Folha do Norte*. Paulo Maranhão tinha muita confiança em mim. Foi uma crônica, “Carta a Krushev”, em que eu louvava o gesto do Krushev de haver tido prudência e bastante grandeza para recuar no episódio dos mísseis, em Cuba. Eu dizia: “Muito obrigada, meu senhor”. Agradecia a ele por estar me rebolando ainda nesse mundo velho. Teríamos ido todos pelos ares. Que tenham publicado na *Folha do Norte* é que me admira. Naquele tempo se pegava comunista como quem mata criança para comer.

Mas você tinha uma postura à esquerda?

Não era atuante, mas é evidente que uma pessoa alfabetizada, que leu alguma coisa, que viajou, que conheceu Sartre e Simone de Beauvoir, que lidava com aquele grupo, tinha que ser arejada. Havia alguns amigos meus que me consideravam rósea. “Ela é rósea”, diziam.

Você conheceu Sartre e Simone de Beauvoir quando eles passaram por Belém?

Foi em 1960. Foi uma coisa que marcou a nossa vida. Às vezes eu fazia reportagem na *Folha do Norte*. Então telefonei para o Paulo Maranhão: “Olha, o Sartre e a Simone estão comendo uma feijoada no Grande Hotel. Eu posso ir?”. Ele disse: “Vá, minha filha. Depois você faz a sua crônica”. Cheguei lá e eles estavam comendo a feijoada. Ela, com aquele *foulard* amarrado na cabeça, tão bonita, os olhos muito azuis, e ele com aquela cara dele de sempre. Eu disse: “Desculpem, é muito mal-educado chegar assim diante de pessoas que estão comendo” – eu já falava bem o francês. “Me perdoem, mas sou jornalista e cronista e gostaria, se possível, de entrevistá-los”. E o Sartre: “Sente-se aqui perto de nós”. Era tempo da minissaia e eu estava usando uma, ainda podia usá-la. Sentei lá e foi uma coisa curiosa, porque em vez de entrevistar Sartre e Simone, eles é que me entrevistaram. E me faziam tantas perguntas, o que eu fazia da vida. Disse que estava tentando escrever um livro. Aí o Sartre pediu para a Simone pegar um livro, *Les Mains Sales*, “as mãos sujas”, e fez

uma dedicatória: “Para quando você for a Paris e para sempre, um abraço, Jean-Paul Sartre”. E me deu.

Começou dali a nossa amizade. Me deram o endereço em Paris, o telefone, “quando você for, vá nos procurar”. No tempo que eles ficaram aqui eu os encontrei umas três ou quatro vezes, inclusive com o Haroldo Maranhão. E no aeroporto estávamos o Haroldo, Durval Machado Carvalho, que era meu marido, Sartre, Simone e eu. Houve uma cena muito engraçada. O Sartre, carregado de livros, virou-se para o Haroldo e disse: “Eu lhe ofereço todos esses livros”. O Haroldo ficou com tudo. “É do pessoal que nos oferece livros. Nós adoramos, mas eles não imaginam o peso que a gente vai carregar. Então tenho que selecionar, senão eu vou pagar o preço da minha passagem.”

Também a Clarice Lispector esteve por aqui...

Eu não cheguei a conhecê-la aqui. Conheci depois e ficamos amigas, mas já no final, no Rio de Janeiro. Para mim ela foi um papo como se fôssemos irmãs. Inclusive ela me confessou [*Lindanor faz uma voz grave, misteriosa*]: “Você gosta dessa tanga que usam na praia, minha filha?”. É o que hoje chamam cordão cheiroso, não é? Horrível esse nome. Eu disse: “Ah, não. Eu acho horrível a tanga”. E ela: “Eu também. Já pensou a areia que entra?”. Passei uma tarde inteira com ela. Depois nos telefonamos. Ela ligou para o meu editor e disse: “Escuta aqui, ô Pedro Paulo, eu adorei aquela mulher, amei”.

O Pedro Paulo de Sena Madureira?

É, um grande amigo meu.

Falaste há pouco do Dalcídio Jurandir. Poderias dar um testemunho sobre ele?

Ah, isso eu posso. Você conhece um livro meu, *Pranto por Dalcídio Jurandir*? Não entro na parte literária de julgar a obra de Dalcídio, não sou crítica literária. Mas o Dalcídio pessoa você vai conhecer através desse livro, ah vai. Sobre o homem Dalcídio eu posso falar durante muitas horas. Convivi o seu dia a dia. Saíamos por aquelas ruas do Rio de Janeiro, íamos à Taverna da Glória. Ele me levou pela mão a conhecer aquele Rio de Janeiro noturno. E de tarde a gente se encontrava na Livraria

São José. Era uma turma muito boa. A Livraria São José está morta, ele está morto como estão mortos ou desaparecidos quase todos os que podiam falar sobre ele: Eneida, Edmundo Lins, Valdemar Cavalcanti.

O Dalcídio era tímido e introvertido mesmo e acho que isso prejudicou em parte o conhecimento de sua obra e de sua pessoa. A gente tem que ser um pouco careta: embora eu não goste, a gente tem que se promover. A propósito de fofoca literária, a Clarice Lispector me confessou uma vez: “Eu tive um grande amor na minha vida e vou te contar”. E contou ali, na hora, “o homem que eu amei”. É cedo para contar. Um dia talvez eu diga tudo isso. Isso é para mostrar o lado humano da Clarice, como ficou logo íntima comigo. Foi uma confiança tão linda, eu não sabia que ela tinha amado tanto uma pessoa, que também é do meio literário, está vivo e é muito conhecido, mas eu não vou citar o nome. Eu até ensino, por isso, esse autor, que é um cronista, aos meus alunos, como dou a Clarice. Os dois estão juntos no meu programa. Foi uma grande paixão.

De cronistas nós temos o Paulo Mendes Campos, o Rubem Braga, o Fernando Sabino...

Mas [*com um ar meio cúmplice*] eu não te digo. Não vou citar o nome que isso vira conversa de comadre.

E o Dalcídio, ele reclamava da falta de repercussão de sua obra?

Não, só dizia assim para mim, quando lhe pedia para fazer um prefácio ou para dar uma leitura num livro meu: “Mas quem sou eu? Sou um escritor obscuro, você está se agarrando numa canoa furada”. Mas ele tinha uma fé tão profunda no que dizia. A confiança nele próprio era total. Não acompanhei, porque vivia na Europa, quando ele morreu. Fui acompanhando a trajetória da doença através das cartinhas dele, a letra ia ficando cada vez mais tremidinha. Mas quem conhece a obra dele muito melhor do que eu é o meu marido, professor Serge Casha, que preparou uma tese sobre a obra de Dalcídio.

Dalcídio tinha problemas financeiros?

Sempre na pendura. A palavra que eu ouvia muito de sua boca era dificuldade financeira. Mas aquilo ele falava quase como se fosse uma doença crônica.

Ele tinha emprego fixo?

Nos últimos tempos ele era uma espécie de copidesque de uma revista, não sei de qual entidade. Isso lhe dava um dinheirinho fixo. No mais era dos livros. E como não era um autor muito lido você pode avaliar o tipo de dificuldade da vida do Dalcídio. Andava a pé de lá do Catete até a cidade para economizar o dinheiro do transporte. Era um homem de andar a pé, um andador. E um amigo muito fiel. Não era de rapapés, de homenagens. Ele se ilhou porque quis. Mas acho que no fundo, no fundo, ele tinha a certeza de que um dia haveriam de reconhecer o valor daquilo que ele escrevia.

Você chegou a se tornar amiga de Simone de Beauvoir, já na França?

Vamos dizer, de dois em dois meses, nós comíamos juntas e às vezes tomávamos um uisquinho na casa dela. Ela gostava de uísque e eu tomava para fazer de conta que gostava também. Ela nunca soube que eu não gostava.

Proust tinha a *madeleine* para recuperar a Illiers de sua infância. Qual a *madeleine* em Paris que lhe traz de volta o Pará?

A minha *madeleine* chama-se Dina, uma menina que saiu daqui com o Nelito Pinto da Silva e a Marizita. Quando chega o dia do Círio uma toca o telefone para a outra e canta, “Oh Virgem Mãe amorosa...”. Quando chega São João é o banho de cheiro.

Você é uma pessoa mística?

Sou uma velha rezadeira. Sou de missa dominical. Estou tentando ver se salvo a minha alma, já que não posso salvar-me pela inocência.

Você ainda pretende voltar a morar em Belém?

Voltar para quê? Acho que é melhor eu morar lá e vir por aqui em visita. Porque senão vocês não vão me aguentar. Eu chego aqui, sou convidada, Lindanor vem cá, vem tomar um açaí. Se eu ficar aqui vão dizer, “ah, lá vem a chata da Lindanor, fecha a porta antes que ela venha tomar o nosso café”; “A Lindanor, ela ainda está aí? Mas ainda não foi? Que chatice”. É melhor eu estar lá e vir aqui de tempo em tempo.

Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Eu amo vocês todos. Não se esqueçam de mim. Só peço que me deem um pouquinho do amor que eu tenho por vocês, gente do meu Pará. Eu trabalho por vocês lá na França esses anos todos. Sem Lindanor, ninguém saberia o que é o Pará, pelo menos nos círculos universitários.